

REFLEXÕES EM AMBIENTE CAPS: A MUSICOTERAPIA COMO UMA TECNOLOGIA LEVE DE CUIDADO

LUANA SARES COELHO¹; MIRIAM CRISTIANE ALVES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – luanasoares.psi@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da identificação da necessidade de apresentar de modo mais aprofundado a temática da musicoterapia, por tratar-se de uma área de trabalho que, há pouco tempo, vem adquirindo espaço como uma forma de cuidado, mais especificamente na saúde coletiva. E, dessa forma, obtendo gradativamente valorização como uma profissão de tratamento, conforme RUUD (1990, p. 14), possibilitando ao profissional da área realizar intervenções que se utilizam da música como um meio de promover mudanças, através da expressividade e do afeto.

A musicoterapia é um campo muito recente de trabalho, apesar da música, que é o principal elemento desta profissão, ser uma das formas mais antigas de expressão, a qual era utilizada desde os tempos da antiguidade de forma terapêutica, por Aristóteles e Platão, que confiavam à música como uma forma de cuidado, atribuindo uma forte influência provinda desta relação à formação do cidadão da época (MAGNANI, 1996). A primeira referência moderna reconhecida na história da musicoterapia foi no ano de 1789 em um artigo, sem referência autoral na revista Columbian intitulado "Music Physically Considered" (ALBUQUERQUE et al., 2012, p. 405).

Atualmente o musicoterapeuta BENENZON (1988) destaca algumas palavras como sendo aspectos importantes a considerar sobre o objetivo da utilização da musicoterapia como um processo de utilização psicoprofilática, como: reabilitação, recuperação e adestramento, sendo que se trata de um fazer universal, apresentado no campo da medicina. O autor salienta que: "O valor humano, é um dos instrumentos musicais mais importantes, tanto como reproduutor, como criador de estímulos. É reproduutor dos sons da natureza, mas também um exteriorizador da sua sonoridade interior e um criador da conjugação de ambos" (BENENZON, 1988, p. 15).

Diante do que foi exposto acima, nos defrontamos com os seguintes questionamentos: A partir de que pressupostos a musicoterapia pode ser tomada como uma tecnologia leve de cuidado em saúde mental? Quais as potencialidades, fragilidades e desafios da musicoterapia no campo da saúde mental coletiva? De que modo ela pode contribuir para o trabalho multiprofissional? Qual sua implicação com a luta antimanicomial?

Enquanto musicoterapeuta de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), localizado num município da região Sul do estado do Rio Grande do Sul, tenho observado muitas situações similares a pesquisas publicadas sobre o tema da musicoterapia como uma nova possibilidade de cuidado, por meio de intervenções sutis que proporcionam a criação desses vínculos, os quais são mencionados na escrita de SILVA et al (2008, p. 292): "As tecnologias têm sempre como referência o trabalho que se revela como ação intencional sobre a realidade na busca de produção de bens/produtos que, necessariamente, não são materiais, duros, palpáveis, mas podem ser simbólicos".



CÂMARA (2013), afirma que além do custo benefício proporcionado pela musicoterapia, a mesma proporciona uma forma não invasiva de cuidado, rompendo com séculos de uso de medicamentos, o que reforça a linha de pensamento não asilar da Reforma Psiquiátrica, promovendo redução de estresse no instante em que esta prática terapêutica alivia dores psíquicas a partir da lúdicodez. Foi no CAPS que pude acompanhar a trajetória de vida de homens e mulheres, com a profundidade de suas bagagens, histórias e singularidades - homens e mulheres que puderam ser acolhidos/as pela musicoterapia.

Nosso estudo objetiva problematizar potencialidades, fragilidades e desafios da musicoterapia como uma tecnologia leve de cuidado em saúde mental coletiva a partir de vivências em um Centro de Atenção Psicossocial.

2. METODOLOGIA

O presente estudo constitui-se como um relato de experiência (MORAES, 2007). Busco dialogar com autores/as que me acompanham em minha caminhada musical, trazendo discussão sobre a prática em musicoterapia, como BENENZON (1988), RUUD (1990), ALVIN (1967), BRUSCIA (2000), bem como aqueles que dialogam sobre a educação musical, como COSTA (1989). Representa o desafio de problematizar a relação terapêutica destas áreas com o cuidado em saúde mental no CAPS e com a política de atenção psicossocial.

Dessa forma, por meio de uma relação entre a minha experiência profissional articulada aos estudos realizados até o momento, na área de Psicologia, a necessidade de popularizar o tema da musicoterapia, de compartilhar experiências que, para mim, foram e são de grande relevância “musicológica” e humano. Estas experiências, afloraram através do vínculo e das trocas que tenho me desafiado a fazer com usuários/as do CAPS. Assim, levando em consideração aspectos de minha trajetória profissional e pessoal, apostei na criação de cenas com narrativas ficcionais que irão performar a trajetória da musicoterapia em um CAPS, sendo ela a personagem principal do estudo. A proposta é construir uma trama dialógica o referencial teórico e as narrativas ficcionais construídas a partir de minhas memórias e vivências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em cena. A minha natureza é a de proporcionar ao outro um lugar para a irreabilidade, porque eu não sou matéria concreta. Como já disse, sou a Musicoterapia. Sou possibilidade de expressão, numa esfera confortável para o diferente. Busco entender e vibrar entendimento, proporcionando à loucura o direito da dúvida, e a partir deste momento ao meu ouvinte eu pergunto: - Existe entre nós um local de igualdade? Até onde vai a sua e a minha loucura? Até onde vai a sua e a minha arte? A bateria imaginária e o prazer associado a ela, aqui nas minhas quatro paredes no território CAPS, soavam como a alegria do mais compassado baterista encaminhado pela esquizofrenia, cujo encaminhamento dizia: classificação F.20. Até aquele momento outros adjetivos acompanhavam aquele compassado baterista, e nenhum deles eram fatores de orgulho. Perguntei como era o som da bateria, na sua verdade habitava aquele território, e ele não respondeu. Então lhe mostrei uma música e ele disse que tocava muito mais e bem melhor que aquela, perguntei se haveria um meio de poder ouvir também, e



ele disse que quem sabe um dia... Longos diálogos sobre o revelar da bateria foram estabelecidos, mostrei a ele exercícios de relaxamento, respiração e ritmo e eis que chega o dia de dividirmos a bateria e concretizarmos aquele som de sua verdade, de sua realidade. Construímos duas baterias a partir de materiais recicláveis, e juntos mostramos um ao outro uma relação de confiança, respeito e construção através da colaboração mútua. Após algumas sessões de bateria, não mais somente imaginária, meu ouvinte revelou-me que era poeta e que já havia escrito mais de cinco poesias. Pedi que trouxesse para eu ver e ele então revelou que havia escrito somente na sua cabeça, mas que a partir dali iria dividir comigo seus poemas e foi então que me autorizou a transcrever, suas primeiras palavras foram: - Não se agrade em criticar, se agrade em poder amar, o manicômio pode ser em qualquer lugar, você pode estar preso em você em seu próprio lar, o manicômio pode ser você (...). E desde então já se passaram três anos e meu baterista que internava a cada três meses, passou dois anos em liberdade.

A musicoterapia localizada na estrutura da saúde, enquadra-se dentro do conceito de MERHY (1997) como uma tecnologia leve de cuidado, pois, é desenvolvida por meio das relações interpessoais e produzida mediante o trabalho vivo no entrelaçar das conexões que se estabelecem entre o/a trabalhador/a de saúde e o/a usuário/a, desenvolvendo cumplicidade, vínculo, aceitação e produção de subjetividade, sendo então, aplicada no campo da saúde mental.

A musicoterapia, dentro do contexto do CAPS, nasce como uma forma de resistência e de luta, fortalecendo-se em um solo fértil, juntamente à outras áreas da arte, da ciência e da saúde, como a arteterapia, a terapia ocupacional e todas as outras Práticas Integrativas e Complementares (PIC's), que compõe o quadro de novas propostas relacionadas à reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial, associadas às formas mais humanas de cuidado. A musicoterapia pode ser uma potente estratégia de contraposição e resistência às práticas manicomiais, por meio de um fazer amoroso capaz de promover significado para quem a vivencia.

Se podemos visualizar a musicoterapia como uma nova forma de cuidado, devemos atentar para que, não seja compreendida tão somente como uma tecnologia enquanto ferramenta, atentando-se para o modo como a aplicamos (BARCELOS, 2016). A autora refere que para tomarmos a musicoterapia como tecnologia que vá além da utilização de um método, precisamos pensar na forma de sua utilização e, sobretudo, pensar sobre o saber utilizado, não limitando-a aos seus instrumentos e equipamentos tecnológicos. Tal perspectiva articula-se ao conceito de tecnologias leves de cuidado de MERHY (2008), a partir, principalmente, dos conceitos de acolhimento e vínculo.

4. CONCLUSÕES

De acordo com estudos relacionados ao tema CAPS, saúde mental coletiva e tecnologias leves de cuidado, existe uma convergência no que diz respeito a musicoterapia podendo-se inferir que essa área do conhecimento propõe uma nova visão sobre o fazer da música, inserida como uma forma de terapia acessível a todas as pessoas. Nesse sentido, é possível observar a transformação da simbologia delegada a música, para que a musicoterapia possa assumir o papel condutor de qualquer metamorfose que venha a instaurar-se no processo de reabilitação psicossocial do usuário do CAPS com vistas ao seu empoderamento e protagonismo, processos fundamentais para a efetiva reabilitação.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M C dos S.; LYRA, S. T.; TREZZA, M C S F.; BRÉDA, M Z. Os efeitos da música em idosos com doença de Alzheimer de uma instituição de longa permanência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**: revista da educação superior da UFG, Goiânia, vol. 14, n. 2, p. 404-413, 2012. Acessado em 13 jun. 2021. Online. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/12532/11637>.

ALVIN, J. **Musicoterapia**. Buenos Aires: Editorial Paidos, 1967.

BENENZON, R O. **Teoria da Musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. São Paulo: Summus editorial, 1988.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CÂMARA, Y M R.; CAMPOS, M R M.; CÂMARA, Y R. Musicoterapia como recurso terapêutico para a saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**: Florianópolis, v.5, n. 12, p.94-117, 2013.

COSTA, C M. **O despertar para o outro**. São Paulo: Summus, 1989.

MAGNANI, S. **Expressão e comunicação na linguagem da música**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. 2 Ed.

MERHY E E. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde. In: MERHY E. E.; ONOCKO, R. (Org.). **Práxis em salud un desafio para lo público**. São Paulo (SP): Hucitec, 2008. n.2, p.71-112.

MORAES, M; DA SILVA, R S. Musicoterapia e saúde mental: relato de uma experimentação rizomática. **Psico**. v. 38, n. 2, p. 7, 2007.

RUUD, E. **Caminhos da Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.

SILVA, D C da.; ALVIM, N A T.; FIGUEIREDO, P A de. Tecnologias Leves em Saúde e sua Relação com o cuidado de enfermagem hospitalar. **Escola Anna Nery Rev Enferm**: Rio de janeiro, vol. 12, n. 2, junho, p. 291-298, 2008.